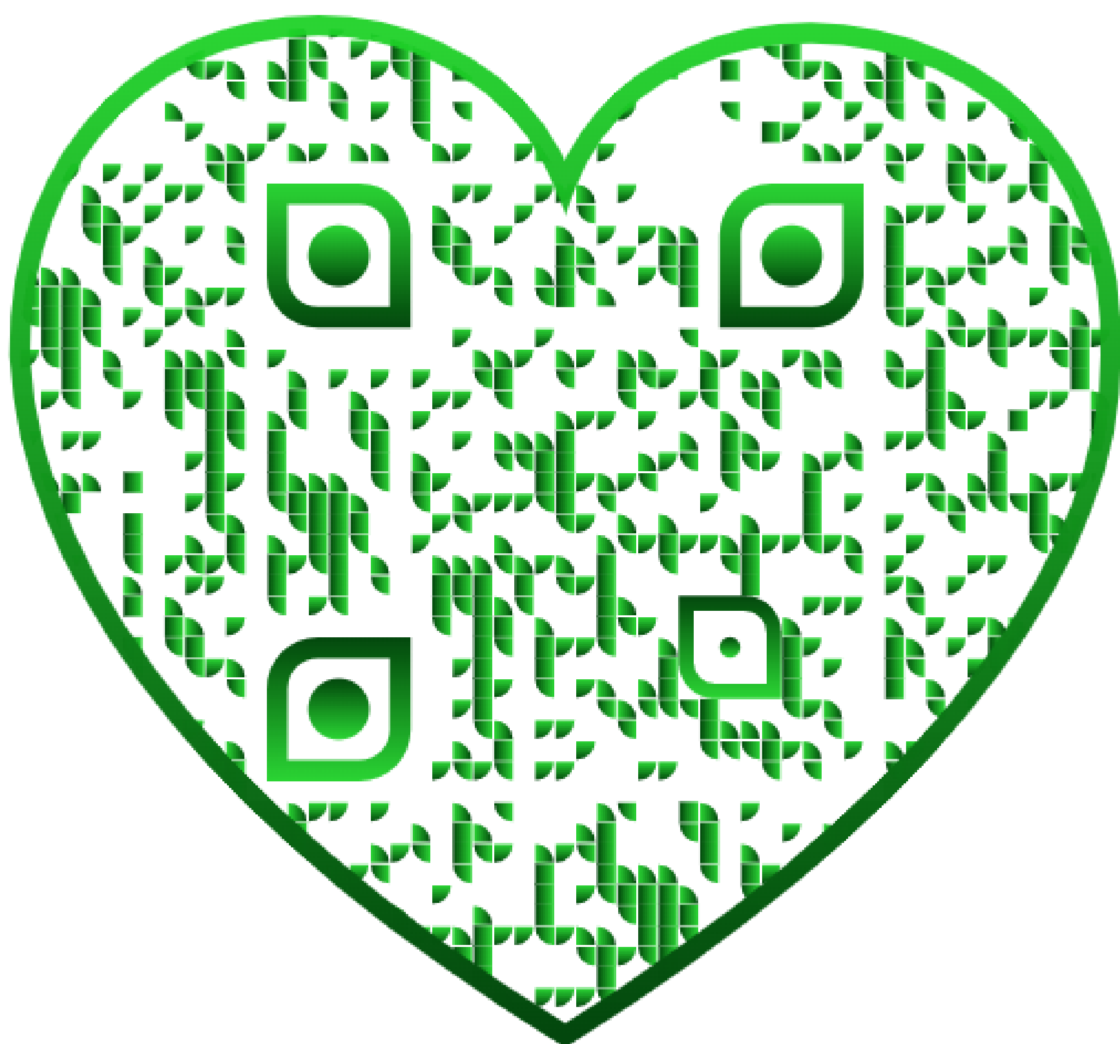
MARIA FREITAS



Espero que não perca



Espero
que não
perca

Para Deko Lipe.
Obrigada por me encontrar.

Capítulo I

O cortejo

Há uma linha tênue que separa a vida da morte. Um suspiro. Um último sorriso. Mas nem sempre a morte é o fim de uma história. Às vezes, ela é o começo.

A história de Mercedes começou quando ela viu os olhos da avó se fecharem pela última vez, alcançando, enfim, a paz que merecia. A moça tocou o dorso da mão enrugada de Maria Ernestina, um toque sereno em um quarto silencioso. A pele fina do dorso fez Mercedes olhar para as próprias mãos, tão macias e tão claras. A avó costumava dizer que a neta tinha mãos de princesa e coração de guerreira, que a menina a lembrava de si mesma, quando mais nova.

Mercedes achava que não.

Não era tão forte como a mulher que admirava, não aguentaria todos aqueles meses de doença, deitada em uma cama, sendo limpa, cuidada, amparada por outras pessoas. Um vento rebelde balançou de leve as cortinas pesadas do quarto, e Mercedes se permitiu aspirar a brisa que entrou pelas pequenas frestas da janela entreaberta, esperando que o cheiro de morte parado no ar se dissipasse.

Olhou de novo para a avó. O rosto de Ernestina nunca estivera tão doce, um sorriso pequeno iluminava os lábios finos. Ela parecia estar dormindo e sonhando com seus tempos de juventude e rebeldia. Os últimos momentos de dona Maria Ernestina haviam sido tão diferentes das histórias que a mulher costumava contar à neta; tão divergentes eram a liberdade de outrora com a dependência daqueles meses.

Mercedes desceu sua mão direita até a palma quase fechada da avó e pegou dela a medalhinha de Santa Luzia que Ernestina sempre carregava. Olhou o objeto com atenção; era feito de ouro, delicado e único, e tinha um M gravado na parte de trás. Ali, naquele instante, Mercedes jurou nunca depender de ninguém. Não queria ser cuidada, amparada; não queria pena ou obrigação.

Desde nova, Mercedes era livre e independente. A avó havia lhe ensinado a ser assim. Achava que era capaz de ter, até que a morte a levasse, as rédeas da própria vida. Não imaginava, porém, que as perderia tão cedo.

Foi nos olhos amadeirados de Alzira que as perdeu.

Tudo começou naquele mesmo dia. No cortejo da velha Ernestina, Mercedes, chorando de dar dó, esbarrou sem querer em uma jovenzinha de pele escura.

— Oh! Ocê me perdoe! — disse a voz doce que saía dos lábios cheios da moça. Com os olhos ardendo e embaçados pelo choro, Mercedes mal conseguiu reparar nela.

— Não tem problema — amenizou, fazendo um gesto com a mão.

— Ah, mas tem, sim! A senhora é a neta de dona Ernestina?

Mercedes assentiu com a cabeça, mas seus olhos se fixaram no chão, incapazes de olhar para a frente, incapazes de encarar as pessoas que choravam, incapazes de detectar qualquer coisa além da dor. Ela enxugou as lágrimas, mas não disse nada.

— Já lhe vi na saída da missa — a moça comentou.

— Ah! Me perdoe por não reconhecer você.

— Não, mas eu nem falei com a senhora.

— E como você se chama?

— Alzira — respondeu, abrindo o sorriso.

— E de onde conhecia minha avó, Alzira?

— Todo mundo conhece todo mundo aqui.

— Eu não conhecia você. — Mercedes se permitiu olhar um pouco para a moça, mas algo no rosto de Alzira a incomodou. Talvez fosse o jeito curioso como ela a encarava, como se tentasse desvendá-la. Então Mercedes voltou a olhar para o chão.

— Conheço dona Ernestina desde pequena. Ela sempre visitava a casa do senhor Astolfo para ver dona Aparecida, que Deus a tenha!

— Ah, sim, elas eram muito amigas.

Mercedes se lembrou do cortejo de anos antes. O mesmo trajeto entre a igreja e o cemitério. A mesma rua de terra avermelhada. Os mesmos rostos. Só a dor era diferente. O pesar que sentira naquela época era ameno e silencioso. A dor de agora gritava dentro dela.

— Eu gostava muito dela, da sua avó. Ela me tratava como gente.

Como se alguém tivesse lhe estapeado a cara, Mercedes parou, até um pouco tonta. Alzira a acompanhou, deixando o cortejo passar por elas.

— Ela costumava fazer isso mesmo. — As duas se encararam por alguns segundos. — Minha avó nunca fez diferença entre as pessoas.

— Sempre que me via na igreja, ela fazia questão de me cumprimentar. As pessoas geralmente fingem que não estou lá ou se incomodam muito com a minha presença.

— Então por que você continua indo à missa?

— Porque é um lugar onde eu posso entrar, mesmo que algumas pessoas não gostem. — Ela deu de ombros, e a maneira simples como falou fez Mercedes encarar o chão. Alzira parecia conformada com aquela realidade, mesmo que não parecesse justa. E como não estaria? O que ela poderia fazer?

Incomodada, Mercedes olhou para cima, enfrentando a claridade do céu

cheio de nuvens escuras. Sua avó lhe ensinara a tratar todas as pessoas com educação e respeito. Lição que, até aquele momento, achara que havia aprendido. No entanto, Alzira sempre esteve presente durante as missas, a observando na saída. Mas Mercedes nunca a notara. Será que ela era como os outros? Como as pessoas que tratavam Alzira como se fosse invisível ou um incômodo?

— Peço que me desculpe. — Olhou para os olhos castanhos da moça e sentiu o chão lhe escapar dos pés.

— Pelo quê?

— Por eu não ser como a minha avó. Por não ter notado você antes.

Alzira sorriu e olhou na direção das pessoas que seguiam, quase em silêncio, pela rua. Poucas pessoas ainda não haviam passado por elas.

— O que está fazendo ao conversar com essa negrinha?

Mercedes sentiu a mão do pai encostar em seu ombro. A voz imponente de Augusto, porém, saiu baixa.

— Só estava me desculpando — respondeu, amedrontada.

— Ora! Deixe de bobagem e vamos! — disse, puxando a filha pelo braço.

Mercedes só teve tempo de olhar para trás e ver Alzira sorrir, acanhada, como se pedisse desculpas.

Capítulo II

A missa

Nos dias que seguiram, Mercedes não conseguiu tirar os olhos castanhos de Alzira de sua mente. Não entendia que sentimento estranho era aquele. Procurou pela moça por toda a vila, mas não a encontrou. Como era possível, em um lugar tão pequeno, se perder assim de alguém?

Mercedes queria conversar com Alzira, queria se redimir por não tê-la notado antes, queria conhecer as histórias da moça, saber sobre ela, sua vida, seus motivos.

Porém, nos domingos de missa, olhava por toda a igreja e não a via. Na saída, sempre tentava buscar uma moça de pele escura entre a multidão. Via algumas, meninas bonitas em seus vestidos claros, mas nenhuma delas era Alzira. A procura virou tristeza; um desalento quase inexplicável. Mercedes não sabia que podia ficar pior.

Ela já estava pensando em desistir quando, ao sair da igreja certo domingo, ouviu aquela voz, a única capaz de trazer alento e luz de volta ao seu coração.

— Busca alguém?

— Busco — respondeu, sem pensar, e se virou na direção de Alzira. A moça sorria, como se tivesse ganhado um prêmio.

— Espero que encontre.

— Já encontrei.

Alzira alargou o sorriso sincero, que parecia o sol nascendo de manhãzinha.

— Espero, então, que não perca.

— Não perderei.

E tentou não perder.

As duas sorriram uma para a outra com cumplicidade, e Mercedes sentiu um impulso estranho, uma vontade de tocar as mãos de Alzira e a puxar para longe dali. Não o fez. Apenas olhou em volta, encarando uma por uma as pessoas que as avaliavam e cochichavam.

— Nós podemos conversar em outro lugar?

— Senhorita Mercedes… — Alzira começou.

— Então sabe meu nome?

— Todo mundo sabe seu nome.

Mercedes pôde ouvir o próprio coração bater alto nos ouvidos e quis saber se o coração de Alzira estava acelerado também, ou se aquele sorriso que ela carregava no rosto era apenas alguma brincadeira.

— Eu tenho que ir.

— É melhor mesmo. Muitas pessoas não gostam de ver moças como ocê conversando com moças como eu.

— Eu não me importo.

— Mas deveria.

— Então vamos conversar em outro lugar. — Mercedes deu um passo à frente e quase segurou o braço de Alzira. Ela não compreendia por que sentia tanto desespero crescer dentro de si, por que precisava tanto conversar com ela. Só conversar. Só se sentar ao lado dela e falar sobre qualquer coisa.

A moça olhou para a porta da igreja e além dela, para o altar lá na frente, com um Jesus pendurado na cruz a encarando.

— Tudo bem, há um lugar — Alzira disse, baixinho. — É uma casinha simples, às margens do rio; um pouco distante da vila. Lá no fim das terras do senhor Astolfo.

— Creio que consigo encontrar.

— No próximo domingo, depois da missa?

Tão longe?

— Tudo bem. — Mercedes suspirou.

Alzira sorriu de um jeito simples e falou, um pouco mais alto:

— Meus pêsames por sua avó.

— Eu agradeço.

Mercedes ficou observando a moça descer a rampa da igreja e cruzar a rua até a praça. Não conseguia se mover, não conseguia sentir direito os pés. Estava sem sua base, e não saberia dizer se era pela morte da avó, a pessoa que era seu norte, ou se era por causa de Alzira e as coisas inexplicáveis que a moça trazia para dentro dela.

— Cuidado com suas companhias, menina. — Uma mulher passou por ela e sussurrou aquelas palavras em sua direção. Mercedes nem se deu ao trabalho de olhar quem era, apenas virou-se e seguiu rumo à rua. Não lhe interessava o que as pessoas daquela cidade pensavam. Nisso, ela havia puxado a avó, só queria seguir o próprio rumo em paz. Apenas uma pessoa lhe trazia alguma preocupação.

— Ouvi dizer que estava de conversa com uma negrinha hoje depois da missa, Mercedes. — Augusto pousou os talheres no prato e encarou a filha, que comia de um jeito delicado e displicente, a mente longe dali.

— Sim, era uma conhecida de vovó me dando os pêsames.

— Não gosto de você conversando com essa gente.

— Mas a vovó…

— Sua avó era uma… insubordinada. — Augusto olhou para a esposa, que comia com a cabeça baixa. Mercedes sentia raiva da maneira como a mulher parecia tão menor na presença do marido. — E eu não criei filha para seguir esse tipo de exemplo. Seja como a sua mãe, não como a mãe dela. — Apontou o garfo na direção das duas, que permaneceram caladas.

Era sempre aquele silêncio quando Augusto estava por perto. O tilintar dos talheres nos pratos falava por elas. Diziam aquilo que elas não se atreviam a dizer. Mas, quando estavam juntas, sem ele, havia conversa, havia espaço.

— Seu pai não é bobo! — No quarto de Mercedes, a mulher dobrava toalhas, quase que à perfeição, e as colocava sobre a cama, onde a filha estava sentada, com as pernas cruzadas.

— Eu sei, mãe.

— E eu também não sou.

— *Eu sei*, mãe.

— Então não minta para mim, Mercedes. — A mulher parou, segurando uma toalha dobrada ao meio e encarou a filha. — Você estava de conversa com aquela… *senhorita*. Que tipo de assunto você tem com essa gente?

— Era sobre a vovó e a amizade dela com dona Aparecida. Falamos brevemente apenas.

— Dona Ambrosina não achou a conversa breve.

— Dona Ambrosina é uma mexeriqueira!

— Quem não deve, não teme, minha filha.

— Eu não temo nada. Só estava conversando com uma *pessoa*.

— Você é igualzinha à sua avó. — A mulher jogou as toalhas sobre a cama. — Mas pelo menos *finja* que se parece comigo. — E encarou a filha.

— Eu não preciso fingir nada, mãe.

— Eu acho que precisa, sim. — Ela começou a deixar o quarto. — Termine de dobrar as toalhas.

Capítulo III

A casinha

O jeito alegre como Alzira encarava o mundo, a simplicidade com a qual falava sobre as coisas, o brilho que trazia no olhar — tudo isso desconcertava Mercedes, a deixava sem resposta, sem reação.

Era um sentimento que, no começo, aquecia o coração, mas em pouco tempo passou a abrasar todo o corpo.

Mercedes se encontrava com Alzira todos os fins de semana, escondida. Às vezes, escapulia para uma visita rápida, em outras, costumava ficar mais tempo, quando os pais viajavam para a cidade grande para visitar o filho mais velho.

As moças conversavam sobre tudo; quanto mais falavam, mais se davam conta das diferenças que existiam entre as duas, e menos se importavam com isso.

— Meu pai está cada vez mais preocupado com o que ando fazendo. — As duas caminhavam à beira do rio. — Esses dias me perguntou por que nunca falto à missa. Veja só!

— Pensei que ele fosse católico. — Alzira passava a mão direita no tronco das árvores enquanto andava.

— Ele diz que é, mas não faz nem o básico que todo cristão deveria fazer.

— Amar ao próximo?

Mercedes riu e parou de andar para encarar Alzira.

— Eu ia dizer “ir à missa”.

— Pelo menos ele se preocupa co’cê. — A moça parou também e apoiou as costas em uma árvore.

— Eu acho que meu pai se preocupa com o que as pessoas falam sobre mim, que estou ficando velha, que preciso de marido…

— E precisa?

Todo o ar que Mercedes carregava nos pulmões paralisou dentro dela.

— Não sei. Mas sei que eu não quero um.

Alzira sorriu.

— Uma moça bonita feito ocê, de boa família… Deve ter uma fila de pretendentes. — Ela tentou dizer de um jeito descontraído, olhando para Mercedes como se a estudasse. — O Zé Miguel voltou para a cidade.

Mercedes revirou os olhos e voltou a andar, deixando Alzira para trás.

— Não quero um marido — resmungou alto.

Ela saiu pisando duro na direção da casa simples à beira do rio. Alzira a seguiu.

— Não entendo por que ficou tão chateada. Só sugeri que o Zé Miguel seria um bom partido pr’ocê. Eu conheço ele.

Mercedes parou em frente à porta azul da casa e se virou, encarando a moça.

— Por que *você* não arruma um marido?

— Porque não preciso de um e também não tenho um pai para me obrigar a casar.

— Nossa! — Chateada, Mercedes deu um leve empurrão para tirar Alzira de sua frente e passou pela moça.

— Espere, eu não queria ofender ocê!

— Não me ofendeu.

— Mas eu lhe chateei? — Alzira a segurou pelo braço.

— Alzira… — Mercedes se virou e poderia ter dito muitas coisas, mas não conseguiu. O olhar de Alzira não deixou.

— Não queria lhe chatear.

— E o que é que você quer, Alzira?

A moça a soltou.

— Quero entender.

— O quê?

Alzira não respondeu, apenas largou o braço de Mercedes e se virou. Antes que pudesse entrar em casa, tropeçou no elevado feito de cimento, colocado na porta para evitar que a água da enchente entrasse ali.

Mercedes a segurou e a puxou para cima.

— Até parece que você nunca entrou nesta casa.

O olhar de Alzira estava desfocado, distante. Era como se visse Mercedes, mas não a enxergasse.

— Está tudo bem?

A moça fez que sim com a cabeça, se libertou do aperto da outra e cruzou o único cômodo da casa, o chão batido com a mesma terra vermelha que cobria as ruas da vila, em direção ao fogão de lenha, que ficava do lado oposto à entrada. Mercedes já estivera ali muitas vezes, mas sempre evitava

avaliar o lugar. Naquele dia, porém, havia algo diferente. Mercedes caminhou até a cama pequena, que não estava ali antes, e passou as mãos pela madeira.

— Quer um cafezinho? — Alzira não se virou.

— Você não me respondeu.

— Vou fazer.

— Alzira! — esperneou. Mas então desistiu e se sentou na cama.

Mercedes observou a moça acender o fogo e começar a preparar o café. Em silêncio, continuou passando a mão pela madeira da cama, até Alzira terminar o que fazia e se virar, carregando duas xícaras esmaltadas.

— O Zé Miguel que montou essa cama.

Mercedes olhou para Alzira, parada à sua frente, erguendo uma xícara de café, e não soube de onde vinha toda a raiva que sentiu naquele momento.

— Mas tudo para você é esse Zé Miguel. Por que *você* não se casa com ele?

Alzira riu alto e se sentou ao lado de Mercedes.

— Ocê fala cada coisa!

— Uai, por que não?

— Olhe bem para mim, Cêdes. — Mercedes obedeceu. — Seria mais fácil o seu Astolfo colocar fogo na fazenda inteira do que deixar o filho se casar com alguém como eu.

A expressão serena no rosto de Alzira irritou Mercedes ainda mais.

— Seu Astolfo, então, é um calhorda! Você é… você é. — Engasgou. — Você é boa demais para esse Zé Miguel, eu aposto! — Ela respirou fundo, tentando se conter. Algo doeu dentro dela. — Mas você gostaria? De se casar com ele? — A voz saiu fina, ligeiramente esganiçada.

Alzira se virou, olhou para Mercedes por um breve instante e, antes de responder, deu um gole no café.

— Não. Não é do Zé que eu gosto. Ele é um bom moço, muito bom mesmo, meu amigo desde criança. Somente isso.

Mercedes sentiu as bochechas esquentarem mais que a mão que segurava a xícara. Deu um gole no café, porque não queria perguntar aquilo que veio à sua mente, como um golpe na cara.

Então de quem você gosta?

Foi quando Mercedes percebeu que já não podia mais se afastar de Alzira. As despedidas tinham ficado mais difíceis, e os reencontros, mais aguardados. Um sentimento diferente de tudo o que a moça havia sentido na vida começou a nascer ali, fez raiz e não parava de crescer.

Foi crescendo, crescendo e crescendo.

Até que ficara grande demais.

Mercedes se levantou de repente.

— Vou embora. — Entregou a xícara a uma Alzira atônita.

— Por quê?

— Tenho que ir.

Ela saiu, sem olhar para trás, e também quase tropeçou na saída.

— Cêdes, me espere!

Mercedes começou a andar depressa. Alzira correu e a segurou pelo braço.

— Ocê vai ficar correndo de mim todas as vezes que vier me ver?

Os olhos das duas se cruzaram, então. Mercedes até tentou desviar, mas

algo em Alzira a prendeu. Algo sempre a prendia, e ela queria entender o porquê.

— Alzira, posso lhe perguntar uma coisa?

Elas haviam parado à beira do rio. A luz do sol batia na água e reluzia nas folhas das árvores. Naquele momento, Mercedes pensou estar no lugar mais bonito em que já estivera, e estava ali com a única pessoa com quem gostaria de dividir essa sensação. Mas não queria dividir apenas o som baixo do vento movimentando os galhos acima de sua cabeça, ou o cheiro da água barrenta, mas também o calor sobre sua pele.

— Ocê pode tudo.

Mercedes não conseguiu disfarçar a curva de um sorriso bobo que se abriu em seu rosto, muito menos o rubor que lhe esquentou as bochechas.

— Como gosta de mim?

— Não compreendi.

— O que sente por mim?

— Um grande apreço.

Mercedes sentiu um nó se formar na garganta, como se alguém lhe desse um abraço indesejado, como se as nuvens sobre elas tivessem tapado o sol, fazendo tudo escurecer.

— Ah. — A decepção era impossível de disfarçar.

— É bem verdade que… — Alzira começou a dizer, mas interrompeu a si mesma, aproximando-se e pegando a medalhinha de Santa Luzia que Mercedes sempre trazia em volta do pescoço. Então levantou a cabeça e olhou naqueles olhos verdes, depois subiu os dedos da mão direita até o rosto da outra, de um jeito tão delicado, que foi impossível para Mercedes não fechar os olhos e respirar fundo. O cheiro de barro no ar, como se fosse chuva, a invadiu, junto com uma sensação de que tudo estava certo, finalmente encaixado no lugar. E, quando os lábios de Alzira tocaram os dela,

com a mesma leveza de sua mão, nada mais pareceu ter importância.

Até Mercedes perceber o quanto aquilo era errado.

— Desculpe — pediu Alzira quando Mercedes se afastou. — Eu…

— Desculpe-me você… Eu… ah… estou tão confusa. — Ela se sentou no chão. Alzira a acompanhou, colocando os pés descalços na areia molhada, à beira do rio. — Gosto tanto de você — disse, olhando para os olhos castanhos da moça. O olhar desceu para os lábios dela e Mercedes emendou: — Tanto…

Sentadas à beira do rio, as duas se permitiram sentir um amor tão forte quanto a luz que batia nas águas. E se deixaram reluzir.

Capítulo IV

O jardim

— Onde estava, Mercedes? — o pai da moça perguntou, tirando os olhos do jornal que lia, assim que ela colocou os pés em casa.

— Estava caminhando, pai — respondeu ela, sem convicção. Sentiu um medo terrível subir pelo corpo; um pressentimento.

— Sozinha? — Ele deixou o jornal de lado, sobre uma mesinha de madeira escura, à frente da poltrona onde estava.

— Sim.

— Pois não quero saber de você andando sozinha por aí. O que o povo da vila vai dizer se vir uma mocinha da sua idade andando desacompanhada?

Ela não protestou e começou a ir para o quarto.

— Ah, Mercedes — ele a chamou, e a moça se virou para olhá-lo. — O José Miguel virá na próxima sexta. Quer cortejá-la.

— José Miguel?

— É. O filho do Astolfo.

— Aquele moço que chegou da cidade grande? — ela quis confirmar aquilo que já sabia.

Augusto assentiu com a cabeça, voltando a pegar o jornal.

— É um sujeito de boa aparência e ótima família.

— Eu nem o conheço.

— Mas irá conhecer, oras. Por isso que o chamei aqui.

A garota não sabia o que responder, então subiu as escadas, com os olhos cheios de água.

— Não quero me casar — murmurou para si mesma, ao jogar-se na cama. — E não vou.

Decidida, Mercedes criou todo um plano de fuga. Iria atrás de Alzira e as duas fugiriam juntas para a cidade grande, onde sumiriam e viveriam uma vida feliz juntas.

Na noite de sexta, ela e os pais receberam José Miguel para um jantar. Para não levantar suspeitas, Mercedes decidiu se portar como uma boa moça e prometeu a si mesma que o trataria como se quisesse tê-lo para sempre como marido. Seu intento em passar a impressão de que lhe agradava a ideia de casamento aparentou enganar Augusto.

— Então, José Miguel, você estudou para advogado?

— Sim, senhor! — O rapaz respondeu a ele, mas sorriu na direção de Mercedes. A moça não gostou nada daquilo. Não gostou de ver como o sorriso de José Miguel era sincero, odiou notar que ele era educado e simpático. Nada parecido com seu pai, nada parecido com outros rapazes que conhecera antes. Incomodada, ela se remexeu no sofá. — Inclusive, trouxe um livro para Mercedes. É da biblioteca da universidade, mas acho que ninguém notará a falta.

— Livro? — Augusto e a filha perguntaram ao mesmo tempo.

— Mas eu não sei ler.

— Eu posso lhe ensinar. — O rapaz sorriu de novo. E Mercedes desviou o olhar, analisando a reação do pai. Augusto soltou um muxoxo, deixando claro que não gostava nem um pouco daquela história. — Ou eu posso ler

para a senhorita — emendou José Miguel, desconfortável, ao notar a reação do homem.

— Em todo caso, fico feliz que esteja pensando em voltar para a cidade quando terminar os estudos, meu rapaz. Gostei de você! — Augusto se levantou, dando a conversa por encerrada. Mercedes ficou olhando para o pai, querendo muito dizer a verdade que lhe coçava a língua. Augusto havia gostado muito mesmo… das terras que José Miguel herdaria. — Acompanhe o moço até a saída, Mercedes.

— Sim, pai. — Obediente, ela acompanhou o pretendente até o jardim.

— Espero que seu pai deixe-me continuar a vir aqui — comentou, de um jeito casual. Mercedes quis dizer que não queria o mesmo, mas soube, assim que pensou, que queria sim. Ela queria que ele voltasse ali com o livro, que a ensinasse a ler, que a olhasse com aqueles profundos olhos escuros. Ou que lesse para ela com aquela voz grave e a levasse embora dali, nem que fosse através de uma história.

— Também espero. — Inquieta, ela praticamente empurrou o rapaz até o portão. Queria que ele fosse embora, pois sabia que não voltaria a vê-lo, que fugiria, que seu plano daria certo.

— Soube que é amiga de Alzira. — Ele parou e encarou Mercedes. Um nó se formou na garganta dela.

— Sim, sou — afirmou, de um jeito seco. Não tinha motivo para negar.

— Entendo. — Ele se virou e saiu para a rua, mas, antes de ir embora, voltou-se para Mercedes. — Não há motivos para que seja hostil comigo, não pretendo lhe fazer nenhum mal. Não contarei a ninguém sobre sua amizade com Alzira. Tenho muito apreço por ela, e espero, um dia, sentir o mesmo por ti.

A moça ficou olhando o movimento que os lábios de José Miguel faziam ao dizerem aquelas palavras. Depois, observou, imóvel, quando ele se virou e foi embora. Ela ficou ali, parada no portão, imaginando um mundo onde os dois pudessem ser amigos; onde ele a ensinasse as palavras, e ela

aprendesse a ser independente; onde Alzira e ela pudessem se amar, sem que ninguém se opusesse ou achasse estranho. Mas aquele mundo estava distante demais, em um futuro que talvez nunca viesse a existir.

Capítulo V

A ida

Naquele mesmo fim de semana, no verão de 1938, enquanto os pais estavam na cidade grande, Mercedes arrumou as malas, juntando poucas roupas, que serviriam para ela e para Alzira, e saiu escondida de casa.

Estava disposta a lutar pelo mundo com o qual sonhara.

Mas, quando chegou à casinha na beira do rio, os sonhos foram ao chão, como árvore em vendaval. José Miguel estava lá, esperando por ela.

— Saia daqui, Mercedes — ele disse, caminhando em direção à moça.

— O que está fazendo aqui?

— Seu pai sabe dos encontros.

— O quê?

— Por isso deseja tanto que me case contigo.

— Do que está falando? — Ela empurrou o rapaz para o lado e entrou na casa. Alzira estava lá, sentada na cama que José Miguel fizera para ela. — O que está acontecendo?

— Eu vou embora!

— É para isso que eu vim, para irmos embora juntas.

— Ocê não vai comigo, Cêdes.

— Por que não? — Ela desmoronou aos pés da cama, deixando a mala que trazia no chão, e tentou pegar as mãos de Alzira, mas a moça as afastou.

— Porque nunca dará certo, nem aqui nem em lugar algum. Somos duas mulheres. É errado.

— Não sinto que seja errado.

— Ninguém se importa com o que sentimos.

— Eu me importo. — Dessa vez, ela foi direto nas mãos da outra, as colocando contra o peito.

— Se ocê se importa tanto comigo, Mercedes, deixe-me ir.

— Não posso.

— Pode. Deve. Seu pai me matará se me encontrar aqui.

— Não, ele…

— Ocê sabe que sim.

— Podemos ir para bem longe daqui. Quero ir para bem longe com você, Alzira.

— Como nós vamos sobreviver, Mercedes? O mundo é grande demais, ruim demais. Ocê não sabe o que é ser pobre, ignorada e rejeitada. O que uma preta e uma mocinha que nem ler sabe farão bem longe daqui?

— Eu não sei.

— Deveria saber. — Alzira puxou as mãos para junto do corpo. — Ocê não conhece nada do mundo, Cêdes. Nunca daria certo. Não é correto.

— Pare de dizer isso! — Mercedes se levantou em um pulo.

— Mas não é. Ocê sabe que não.

— Pare de dizer o que eu sei e o que não sei — gritou, se afastando ainda mais de Alzira. — Talvez seja melhor você ir sozinha mesmo, já que sabe mais da vida do que eu.

— Exato. É melhor que eu vá.

— Então vá! Vá, Alzira, e não volte mais.

Mercedes pegou sua mala, sem olhar para a moça, e saiu, tropeçando em José Miguel, que ouvia a conversa da porta.

— Foi você, não foi? Você contou ao meu pai! — ela acusou o rapaz, socando-lhe o peito.

— Eu nunca faria isso com Alzira.

— E como espera que eu acredite? É muito conveniente…

— Acredite no que quiser, Mercedes! — Ele passou por ela. — Mas eu preciso tirar Alzira daqui antes que seu pai apareça.

— Meu pai não fará nada!

— Eu jamais confiaria nisso. Acho melhor você sair daqui e não ir pela estrada. Dê a volta no rio e vá para casa.

— Eu não confio em você. Se faz isso para que eu me case com você, saiba que jamais me casarei.

— Isso não me importa. — Ele foi a empurrando na direção do rio. — Saia daqui.

Com o coração partido, Mercedes foi embora. Tentou não olhar para trás, mas foi impossível. Já ia longe quando se virou e viu Alzira sair de casa acompanhada por José Miguel.

Algo quente subiu de seu estômago até sua cabeça. Um ressentimento, uma dor. Ela decidiu não seguir o conselho do rapaz e seguiu pelo caminho de sempre. E estava indo em paz, com suas lágrimas e sua raiva, até ouvir os

cascos de um cavalo virem em sua direção. O medo a fez se esconder atrás de uma mangueira à beira da estrada de terra.

De onde estava, viu as pernas de alguém sobre a cela de um cavalo preto. E soube que era seu pai. Reunindo a pouca coragem que ainda tinha, olhou para o rosto do homem, em fúria, vermelho, queimando. Ele olhava fixamente para a estrada, na direção da casa de Alzira.

— Augusto, você precisa se acalmar! — O velho Astolfo vinha atrás, em seu cavalo castanho.

— Não farei nada com seu filho, Astolfo. Gosto do menino. Mas aquela negrinha…

Mercedes não conseguiu ouvir mais nada. Um zumbido ecoou em seus ouvidos e ela achou que pudesse desmaiar. José Miguel não havia mentido. Por um instante, tudo o que a moça conseguiu ouvir foi o barulho de seu próprio coração misturado ao som baixo da água do rio batendo nas pedras.

Quando pôde sentir de novo as pernas, correu de volta para casa, onde não encontrou ninguém. Então, ela se trancou no quarto por toda a tarde, esperando que alguém aparecesse para lhe dizer algo, mas nenhuma vivalma a procurou. Fechou os olhos e tentou sonhar que aquilo tudo não passava de um engano, um sonho ruim. Contudo, ao acordar, sentiu, mais do que nunca, que era tudo verdade.

Alzira havia ido embora.

E ela fizera o certo em deixá-la ir. O mundo jamais as aceitaria.

Por muito tempo, esperou a reprimenda do pai; não a recebeu. Augusto mal falou com a filha pelos dias que se seguiram. Ela também aguardou por uma visita de José Miguel, porém, isso tampouco aconteceu.

Meses depois, teve notícias do rapaz. Ele havia voltado para a capital.

Mercedes sentiu um vazio enorme; ainda tinha esperança de que Alzira

retornasse, ou que, pelo menos, José Miguel a procurasse com notícias de sua amiga. No entanto, por um longo tempo, só recebeu o silêncio.

Durante meses... anos, voltou à casinha onde se encontravam, na esperança tola de que a moça pudesse ter retornado. Um dia, desistiu.

José Miguel voltou da capital parecendo outro homem. Mais velho, mais abatido. Mercedes só soube das dores que enfrentara por ser quem era muitos anos depois, quando já estavam casados e ele decidiu mostrar a ela todas as nuances e cores que existiam em seu coração.

Ao retornar à vila, ele trouxe notícias de Alzira junto com o livro que prometera tempos antes. Enquanto ensinava Mercedes a ler, contava as histórias de sua amiga. Alzira fora morar com parentes na capital. Mantivera contato com o amigo por muitos meses, até arrumar um noivo e ir embora com ele. José Miguel havia procurado por ela, mas ninguém sabia ou queria lhe informar nada.

Mercedes já era capaz de ler um livro inteiro sozinha, sem precisar perguntar o significado de palavra alguma, quando se casaram. E, durante algum tempo, quase foi completamente feliz ao lado dele. As partes quebradas dos dois se encaixavam. No entanto, a lembrança de Alzira sempre a perseguiu.

Nos primeiros anos, ela pensou que o tempo levaria a lembrança de Alzira, levaria seu cheiro, o formato de seu rosto, suas mãos, seus olhos. E levou. Não demorou para que Mercedes tivesse dificuldade em se lembrar da aparência de Alzira. Já a essência dela, a maneira como falava da vida, seu jeito de olhar, o cheiro de lama da beira do rio misturado com o café feito no fogão de lenha, *isso* Mercedes nunca conseguiu esquecer.

Durante quarenta e cinco anos, viveu ao lado de José Miguel. Até que, em 1987, ficou viúva. Nunca teve filhos, não tinha mais ninguém que pudesse cuidar dela, exceto pelos sobrinhos, filhos de seu irmão mais velho. Mas jamais gostou de incomodá-los — continuava a odiar a ideia de ter que depender de alguém.

Naquele mesmo ano, vendeu a casa, juntou algumas poucas coisas e foi

morar em um lar de idosos. Ainda se considerava jovem, mesmo com seus 64 anos, e costumava ajudar mais os colegas de asilo do que ser ajudada por eles. Aquele lugar se tornou sua casa; aquelas pessoas, seus amigos. O quarto de Mercedes era o mais agitado, sempre tinha alguém ali, conversando, contando histórias, ou as ouvindo. Alguns amigos partiam, deixando um silêncio, outros chegavam, trazendo barulho.

Assim ela viveu por anos.

Até aquele quarto não ser mais tão barulhento como antes.

Capítulo VI

O lar

Em 1994, chegou ao lar uma senhora de pele escura. Os olhos castanhos traziam marcas de uma vida inteira de saudade. Ela entrou no quarto mais silencioso daquele lugar, carregando uma malinha simples. Ao abrir o guarda-roupa para deixar suas coisas, encontrou uma caixa com pertences que julgou ser da antiga moradora. Curiosa, olhou rapidamente o conteúdo e se surpreendeu ao encontrar ali uma medalhinha de Santa Luzia, com um M gravado na parte de trás.

M de Madalena, o nome de sua única filha e da cidade para onde fugira quando percebeu que jamais seria capaz de amar um homem do jeito como amava uma mulher. O lugar onde montou toda a sua vida, mas que deixara para trás, antes que fosse tarde, pois nunca foi capaz de superar um arrependimento.

M de Mercedes.

— Busca alguém? — a voz de uma senhora perguntou. Alzira conhecia aquele timbre, mesmo mudado pelos anos. Virou-se e encarou a mulher parada na porta do quartinho daquele lar de repouso.

Viu uma vida inteira marcada ali. As dores, os amores, os sorrisos, as lágrimas, os aprendizados, os erros. Dizem que as rugas são o preço cobrado pelos dias que passaram; na verdade, elas são o presente dado pelo tempo. Um recado que diz: eu vivi, estive aqui, amei, lutei e sobrevivi.

Estava diferente, sim. Mas ainda era *ela*. Mercedes!

— Busco — respondeu, permitindo que as lágrimas fizessem jus ao sentimento forte que trazia no peito. Os olhos das duas se encontraram e se reconheceram.

— Espero que encontre — a mulher disse, emocionada. A voz tremia. Os olhos choravam.

— Já encontrei. — Deixou a caixa no lugar e aproximou-se dela, lentamente. Entregou a medalhinha de Santa Luzia para Mercedes, tocando-lhe as mãos que, mesmo depois de tantos anos, ainda eram as mesmas; a mesma pele que fazia seu coração disparar no peito antes e agora, os mesmos dedos pequenos que agarraram a corrente fina da medalha e depois se entrelaçaram aos das mãos de Alzira.

— Espero, então, que não perca. — Mercedes sorriu, daquele jeito terno que dizia: *finalmente eu encontrei você!*

— Não perderei.

Leia os outros contos da série “**Clichês em rosa, roxo e azul**”

Mas… e se?

E se o cantor sertanejo Henrique voltasse para casa depois de uma temporada de shows e tivesse que aprender a lidar com o novo namorado de sua esposa?

E se esse novo namorado o fizesse se sentir mais em casa do que nunca?

Um corpo de verão

Tudo o que Vanessa queria era aproveitar o fim de semana para se reaproximar da (beijar a) amiga de infância e pegar uma corzinha à beira da piscina. Mas a insegurança de Bia mais afastou do que uniu as duas.

Um livro, uma piscina sem sol e uma música da Taylor Swift serão capazes de colocar os planos de Vanessa de volta nos eixos?

Amor de janela

Camila está em casa. A faculdade está parada, as ruas desertas, as lojas fechadas. E, em casa, ela vai ter que aprender a conviver com a própria família e com Erick, seu vizinho de janela.

Outra dimensão para nós dois

Maycon é apaixonado pelo amigo com quem divide a república, mas Rafael só quer saber de baladas e relacionamentos sem compromisso. Tudo muda quando os dois se isolam durante a quarentena em uma casa antiga, cortada por uma fenda que os leva a outras dimensões.

Estrela e a Flor

Está frio na noite da festa mais importante para a família de Estrela. E nada faz a fogueira acender. Exceto Flor, uma misteriosa garota de cabelos roxos.

Azeitonas

Cecília está passando a quarentena com o avô, e faz compras para ele e para os vizinhos. Até que, um dia, ela troca as sacolas do avô com as da pessoa que mora no 13b, e acaba virando a garota de recados de dois idosos apaixonados.

As razões de Henrique

Em 2003, quando Henrique foi morar no interior de Minas Gerais, nunca pensou que se apaixonaria tanto... e por pessoas de gêneros diferentes.

Emma, Cobra e a criatura da parede

Emma está ouvindo uma voz vinda de dentro de sua parede. Cobra está ouvindo os pensamentos de Emma. Na tentativa de recuperar a amizade perdida entre os dois, eles vão se juntar para descobrir o que diabos está acontecendo com a parede da garota.

Acho que eu fiz uma música

Juan é apaixonado pelo cantor sertanejo João Vinícius desde a adolescência. E, agora, finalmente o rapaz tem a chance de conhecer seu ídolo. Mas, para isso, vai precisar da ajuda de uma garota…

Bregafunk do amor

Há uma coisa que une Ana Cecília, Felipe e Mirela: o amor pelos livros super gays de Mariano Madeira. Agora, os três vão se aventurar em uma estranha viagem para conhecer o ídolo.

Um Papai Noel de outro planeta

Um evento não-natural causou a destruição do planeta de Noa, espalhando pedaços por toda a galáxia. Alguns deles caíram no Brasil, especificamente no interior de Minas Gerais, causando fendas no espaço-tempo.

E agora cabe a Noa consertar o problema!

Enquanto isso, na Terra, Gal está procurando por sua namorada que

desapareceu do nada. E vai contar com a ajuda de um estranho Papai Noel para descobrir onde a garota foi parar!

Sobre a autora

MARIA FREITAS é mineira do interior, bi e assexual. É autora de Cartas para Luísa, livro vencedor do Prêmio Mix Literário em 2020, Sempre estive aqui, As razões de Cris e da série de contos com protagonistas bissexuais, Clichês em rosa, roxo e azul, que, juntos, já foram baixados mais de 75 mil vezes na Amazon.

www.mariafreitas.com.br
Instagram: @mariafreitaslivros
Twitter: @themariafreitas

Faça parte do Clube da Maria, uma newsletter GRATUITA com histórias exclusivas, brindes, descontos, novidades e muito mais. Ah, e tem também a versão Premium: https://apoia.se/clubedamaria.

MARIA FREITAS © 2020

Esta é uma obra de ficção.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem a autorização prévia da autora.

Edição e revisão: Clara Alves

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F862 Freitas, Maria
Espero que não perca / Maria Freitas
São João do Manteninha/MG, 2020.

1. Ficção Brasileira. 2. Literatura Brasileira. I. Título.

CDD: B869

Todos os direitos desta publicação reservados à
Maria Madalena de Freitas Souza
www.mariafreitas.com.br